

Relato de experiência de uma residente: a literatura infantil para formação de leitores na escola pública em Quixadá/CE

Caroline Martins Chavesⁱ 

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC – UECE)
Quixadá, CE, Brasil

Keila Andrade Haiashidaⁱⁱ 

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC – UECE)
Quixadá, CE, Brasil

1

Resumo

A pesquisa teve como objetivo relatar as experiências vivenciadas pela autora, na condição de residente, no âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP), 2023/2024. Apresentamos as principais regências e atividades desenvolvidas no período do programa. A metodologia foi qualitativa do tipo relato de experiência, *locus* EEF Raimundo Marques de Almeida, bairro de periferia São João, localizado no município de Quixadá/CE. Fundamentamo-nos nos autores: Tardif (2017), Freire (2000), Ferreiro e Teberosky (1999), Ambromovich (1997) e Soares (2020). Destacamos a importância do PRP na formação de professores/as na educação básica, corroborando com a professora/preceptora defendemos a necessidade de aulas mais interessantes, por meio da leitura literária infantil, que contribui para a recomposição da aprendizagem pós-pandemia e na formação de leitores na escola pública.

Palavras-chave: Programa Residência Pedagógica. Formação de Professores. Literatura Infantil.

Report of a resident's experience: children's literature to formation readers at the public school in Quixadá/CE

Abstract

The aim of this research was to report on the author's experience as a resident in the Pedagogical Residency Program (PRP), 2023/2024. We present the main regencies and activities developed during the program. The methodology was a qualitative experience report, with the location being EEF Raimundo Marques de Almeida, in the neighborhood of São João, located in the city of Quixadá/CE. The authors were: Tardif (2017), Freire (2000), Ferreiro and Teberosky (1999), Ambromovich (1997) and Soares (2020). We highlight the importance of the PRP in the training of teachers in basic education, corroborating with the teacher/preceptor we defend the need for more interesting classes, through children's literary reading, which contributes to the recomposition of post-pandemic learning and the formation of readers in public schools.

Keywords: Pedagogical Residency Program. Teacher training. Children's Literature.

1 Introdução

2 O Programa Residência Pedagógica (PRP) é uma rica oportunidade que nós licenciandos/as temos e que torna possível nossa aproximação com a realidade escolar, juntamente com a teoria que estudamos na universidade.

Embora a prática esteja nos currículos dos cursos de formação de professores(as), em diversas disciplinas com destaque para os Estágios Supervisionados, ao estabelecermos uma comparação com a Residência Pedagógica (RP), percebemos que os estágios são mais superficiais, pela quantidade de horas de imersão do discente na escola.

Uma das autoras da presente pesquisa é discente do 8º semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), localizada no município de Quixadá/CE, *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e foi bolsista do PRP; a outra autora é professora do referido curso e foi coordenadora do subprojeto de Pedagogia do PRP/FECLESC.

Dessa forma, participamos da seleção para o PRP, que aconteceu em 2022.2, com critérios classificatórios que permitiam concorrer a 18 vagas, sendo 15 para bolsista remunerado e 3 para voluntário; tendo iniciado as atividades da residência em meados do mês de novembro de 2022, conforme o edital 05/2023¹.

Assim, a finalidade desse trabalho é relatar a experiência de uma residente que deparou-se com a realidade escolar da rede pública, aprendendo, de perto, os trâmites burocráticos normais da escola, os desafios que estavam em livros, artigos e, até mesmo, nas mídias, mas, agora, vivenciando ativamente, aprendendo até mesmo como elaborar um plano de aula, algo que parece simples, mas que para nós acadêmicos torna-se complexo.

¹ Link: <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>.

Em suma, no presente relato, vamos dissertar nossas experiências vivenciadas no âmbito da PRP, apontar os desafios que encontramos, as dificuldades e as aulas exitosas e, não menos importante, o quanto crescemos profissionalmente e amadurecemos nesses 18 meses de imersão, sob a supervisão da nossa preceptora-professora Sandra Sobral.

Isto posto, na seção seguinte, descreveremos a metodologia utilizada para produzir o relato, as referências teóricas e as principais práticas que desenvolvemos, trazendo à baila as vivências até os momentos finais do módulo 3 (março/2024).

O Relato de Experiência está organizado em cinco seções: Introdução, Metodologia, Resultados e Discussões, Considerações Finais e Referências. Na seção introdutória apresentamos breve contextualização do PRP, objetivo da pesquisa e aspectos metodológicos; na seção metodológica caracterizamos o relato de experiência, a abordagem e o lócus da pesquisa; nos Resultados e Discussões descrevemos a experiência com a literatura infantil para formação de leitores em uma escola pública de Quixadá, Ceará e na última seção evidenciamos as conquistas da pesquisa.

2 Metodologia

O relato de experiência é uma forma do pesquisador/a expressar suas experiências, refletindo e colocando em ação as suas inquietações, corroborando com a afirmação de Cavalcante e Lima (2012, p. 96) “O relato de experiência é uma ferramenta da pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada.”

O percurso metodológico foi de abordagem qualitativa, como aponta Minayo (2016, p. 21) que “[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Estudamos aspectos estritamente de relações entre os indivíduos, seus comportamentos interpessoais e comportamentais, consideramos o mais adequado.

Foi realizado também um levantamento bibliográfico em autores/as e obras, robustecendo a pesquisa, pois segundo Gil (2002, p. 44) “A pesquisa bibliográfica é

desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

O *lócus* foi a Escola de Ensino Fundamental Raimundo Marques de Almeida, situada no Bairro São João, no município de Quixadá/CE. Estivemos imersos, na referida escola-campo, durante 18 meses, realizando nossas regências na turma do 5º ano Anos Iniciais do Ensino Fundamental (fevereiro de 2023 até março de 2024).

Os autores/as que subsidiaram nosso trabalho: Tardif (2017), Freire (2000), Ferreira e Teberosky (1999), Ambromovich (1997), Soares (2020) e dentre outros.

4

3 Resultados e Discussões

Na presente seção vamos relatar as nossas principais experiências como residente, neste período de 18 meses, respaldados por autores/as da área. Todavia, vale destacar que encontramos dentro da sala de aula uma realidade destoante daquilo que conjecturamos na academia, pois, como estudantes, ainda romantizamos em demasia a realidade.

1.1 Do ideal para o real

Iniciamos o processo de ambientação na turma, no início do ano de 2023, nos familiarizando com os alunos/as e com o componente curricular Língua Portuguesa, que abordamos em nossas regências para as turmas do 5º ano C, no turno da tarde, e 5º ano A e B, pela manhã, no ano de 2024. Com isso, percebemos, *a priori*, em termos estruturais, o espaço físico da escola e, mais especificamente, da sala de aula, a qual é visivelmente inadequada, tanto pela sua pouca luminosidade, como pela quantidade de alunos no pequeno espaço.

Os encontros iniciais tinham como objetivo nos familiarizarmos com os alunos(as), por meio de dinâmicas, contações de histórias e vivências, recursos estes utilizados para que, aos poucos, obtivéssemos a confiança das crianças.

Destarte, o escopo da PRP é a aproximação do acadêmico de licenciatura à prática docente na escola pública, desconstituindo o idealismo que de alguma forma construímos.

Para Tardif (2017, p. 49):

[...] o ensino se desenvolve num contexto de múltiplas interações que representam condicionantes diversos para a atuação do professor. Esses condicionantes não são problemas abstratos como aqueles encontrados pelo cientista, nem problemas técnicos, como aqueles com os quais se deparam os técnicos e tecnólogos.

O autor defende que a formação de professor é diferente da formação de um médico, por exemplo, pois para aquele sentir-se próximo do seu objeto de estudo, precisa, eminentemente, inserir-se no contexto escolar, tornando o seu aprendizado mais palpável/real.

Dando seguimento o estudioso retrocitado afirma (2017, p.49):

Ora lidar com condicionantes e situações é formador: somente isso permite ao docente desenvolver os *habitus* (isto é, certas disposições adquiridas na e pela prática real), que lhe permitirão justamente enfrentar os condicionantes e imponderáveis da profissão.

Corroboramos com o autor, uma vez que acreditamos em programas como PRP, que visam potencializar a formação do licenciando/a.

Nas primeiras regências nos tornamos mais próximos do contexto real dos alunos(as), conseqüentemente, passamos a perceber alguns atrasos no desenvolvimento de alguns alunos. A respeito das crianças alfabetizadas, estas, facilmente, conseguiam, de forma autônoma, realizar as atividades e demandas apresentadas na aula; todavia, as que não liam, apresentavam um *déficit* de atenção e eram mais inquietas, apresentando desinteresse pelas atividades.

Conseqüentemente, Freire (2000, p. 45) afirma: “A professora deve estar atenta a tudo, aos mais inocentes movimentos dos alunos, à inquietação de seus corpos, ao olhar surpreso, à reação mais agressiva ou mais tímida deste aluno ou aluna.” Isto é, como educadores em formação, é de suma importância percebermos

as particularidades dos estudantes que estão na escola sob a nossa responsabilidade, se estão ou não acompanhando as atividades propostas em aula.

Dessa forma, refletimos de que maneira podemos contribuir, como residentes, para que essas crianças, que não são maioria, mas um quantitativo considerável, não sofram com o atraso escolar, evitando, assim, o seu fracasso como estudante.

1.2 Literatura infantil e a formação de leitores na escola pública

6

A literatura infantil é um dos recursos mais utilizados em nossas aulas de língua portuguesa, mais precisamente no início da aula, e consideramos profícuo obras que tenham alguma correlação com a temática da aula, pois estamos aqui dissertando sobre crianças que tem, aproximadamente, 10 à 11 anos de idade, porém algumas delas não são alfabetizadas.

É sabido que o que estamos presenciando nas escolas é consequência da pandemia da Covid-19, período no qual, a maioria das crianças pertencentes às escolas da rede pública, tiveram suas aulas via *Whatsapp*, que reconhecidamente não é uma ferramenta adequada para alfabetização. Na época, esses estudantes estavam no 1º/2º anos iniciais do ensino fundamental.

Em vista disso, analisamos a possibilidade de pôr em prática estratégias pedagógicas desenvolvidas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), trabalhando a construção gradual e a psicogênese da leitura e escrita daqueles estudantes.

Podemos desenvolver recursos, estratégias e instrumentais pedagógicos para viabilizar a realização de projetos, como a contação de histórias.

Ambromovich evidencia (1997, p. 16):

Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

A autora nos mostra que quando a criança tem um contato com a leitura, mesmo que seja apenas na condição de ouvinte, ela pode tornar-se, futuramente,

uma ávida leitora e, conseqüentemente, ampliar mais ainda seu vocabulário, pois ouvirá, muitas vezes, palavras novas.

Utilizamos em nossas regências várias estratégias que corroboraram para a recomposição da aprendizagem dos estudantes, sendo a literatura infantil o preâmbulo de nossas regências. No quadro 1 estão alguns dos livros infantis que fomentaram esses momentos.

7

Quadro 1 - Obras trabalhadas pela residente

OBRA	AUTOR/A
O cão alegre	Ko Moon-young
Em busca da feição real	Ko Moon-young
Quem tem medo de quê?	Ruth Rocha
A princesa que não queria aprender a ler	Heloisa Prieto
A parte que falta	Shel Silverstein
A colcha de retalho	Conceil Corrêa da Silva

Fonte:

Quadro elaborado pela autora.

Em uma de nossas aulas o tema era “Leitura em Quadrinhos”. Felizmente, na biblioteca da escola-campo, tinham vários gibis, aproximadamente 30 unidades, que atenderam a todos os alunos daquela turma, sendo esta experiência uma das mais marcantes de nossas regências. A partir daquele dia, as crianças fizeram seus cadastros na biblioteca e passaram a alugar livros ficcionais para deleite e leitura em suas casas. Muitos alunos não sabiam que essa possibilidade existia, tanto que uma aluna, que chamaremos de M.A., para preservar a identidade, confidenciou que depois das nossas leituras, realizadas em sala de aula, ela tem lido mais em casa e, melhor ainda, tem gostado, habituando-se à leitura.

Podemos citar outra situação que observamos em nossas regências, quando fizemos a contação da história do livro “A colcha de Retalhos”, de Conceil Corrêa da Silva, na qual utilizamos a sequência didática básica de Rildo Cosson (2014), com seus 4 passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Inicialmente, distribuimos para nossas crianças retalhos de tecido de diversas cores para construirmos a colcha de retalhos e indagamos se sentiam saudade de algo, de

alguma situação ou pessoa. Em seguida, expressavam-se e colocavam o retalho no chão, um a um; depois, apresentamos a capa do livro e, assim como sugere o referido autor, fizemos a leitura da obra, na íntegra, com modulações na voz para interpretarmos as situações e os personagens.

Em suma, dialogamos sobre o que elas entenderam e muitas delas, inclusive alguns dos residentes, emocionaram-se. As crianças estreitaram mais ainda os laços conosco, sendo esta experiência, uma das mais exitosas que tivemos.

8

O processo de alfabetização do indivíduo ocorre normalmente nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, em que o professor alfabetizador busca estratégias, como atividades lúdicas, leituras e dinâmicas. Assim, as escolas devem estar em conformidade com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), acordo estabelecido pelo Governo Federal com o Distrito Federal, Estados e Municípios, cuja finalidade é propiciar que todas as crianças sejam alfabetizadas até os 8 anos de idade, isto é, ao final do 3º ano dos Anos Iniciais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, assegura no seu artigo 32, o acesso à escola pública do ensino fundamental, deve iniciar-se aos 6 anos de idade, tendo como um dos seus objetivos o desenvolvimento do pleno domínio da leitura e da escrita (Brasil, 1996).

Acontece que, infelizmente, muitas de nossas crianças (que estão no 5º ano dos Anos Iniciais do ensino fundamental) não estão alfabetizadas, algumas sequer decodificam o próprio nome, tornando um verdadeiro desafio para professores/as em formação.

Soares (2020, p. 27) sobre alfabetização:

Processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita.

A autora esclarece como funciona a apropriação da leitura do estudante, enfatizando a necessidade de técnicas e práticas para o letramento, instrumentalizando materiais para que a criança possa desempenhar habilidades

motoras, contudo, as escolas da rede pública de ensino, não obstante, conseguem ofertar aos seus alunos(as) tais atividades.

Podemos perceber através de dados (Todos pela educação, 2022) o quanto a pandemia da covid-19 foi prejudicial também na educação básica, senão vejamos:

Entre 2019 e 2021, houve um aumento de 66,3% no número de crianças de 6 e 7 anos de idade que, segundo seus responsáveis, não sabiam ler e escrever. Eram 1,4 milhão de crianças nessa situação em 2019 e 2,4 milhões em 2021. Em termos relativos, o percentual de crianças de 6 e 7 anos que, segundo seus responsáveis, não sabiam ler e escrever foi de 25,1% em 2019 para 40,8% em 2021.

É visível o saldo negativo que o ensino remoto, da forma como foi implementado, resultou no processo de alfabetização e letramento dos estudantes de 1º, 2º e 3º anos iniciais e o quanto esses dados nos mostram o desestímulo escolar, com potencial risco de provocar evasão.

Com isso, enfatizamos a importância da manutenção e continuidade do Programa Residência Pedagógica (PRP), pois, como futuros professores/as, poderemos, além de aprendermos na prática docente, também contribuir, ativamente, na recomposição da aprendizagem.

4 Considerações finais

Reafirmamos que obtivemos aprendizados imensuráveis, como participar na elaboração de planos de aula, conhecer a realidade de uma escola, estar próximo dos aspectos burocráticos, até mesmo nos aproximarmos das particularidades dos alunos(as) e das mediações que o professor faz com a família, enfim, inumeráveis vivências como residente.

No presente relato, descrevemos as fases que passamos, as formações que participamos, a ambientação na escola e adentramos, de fato, na sala de aula, discorrendo sobre os aprendizados e adversidades.

Conciliar as competências específicas de linguagens para o ensino fundamental, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); colocá-las em

prática dentro de nossas regências, utilizando contação de histórias, é uma tarefa árdua, mas não impossível; proporcionar às nossas crianças o hábito da leitura; e colaborar no melhoramento na proficiência da leitura/escrita foi muito gratificante.

Propomos que as escolas da rede pública possam experimentar o PRP, bem como, outros colegas acadêmicos da licenciatura também, colocando em prática o que estudamos na universidade. Ressaltamos que as contações de histórias deveriam se tornar rotina escolar, contribuindo mais ainda para a formação de leitores/as.

Dessa forma, compreendemos os desafios que ainda permearão as escolas, mas temos a certeza o quanto o PRP foi positivo para todos aqueles estiveram envolvidos, essencialmente, para nossa formação acadêmica.

Referências

ABROMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo. Scipione. 1997.

BRASIL. **Residência Pedagógica**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 8 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 7 mar. 2024.

CAVALCANTE BL de L, SILVA DE LIMA UT. Relato de experiência de uma estudante de enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **J. nurs. health**. [Internet]. 24º de setembro de 2012 [citado 5º de março de 2024];2(1):94-103. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/3447>. Acesso em: 8 mar. 2024.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, M. C. de S; (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Vozes. 21º ed. Petrópolis, RJ, 2002.

SOARES, Magda. **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

RILDO, Cosson. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: contexto, 2014.

TARFID, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Nota técnica: **Impactos da pandemia na alfabetização de crianças, 2021**. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/02/digital-nota-tecnica-alfabetizacao1.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ⁱ **Caroline Martins Chaves**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5321-3574>

Universidade Estadual do Ceará; Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central;
Curso de Pedagogia

Graduada em Direito na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia (FECLESC/UECE).

Contribuição de autoria: Coleta, análise, interpretação dos dados e redação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5099025634708572>

E-mail: caroline.martins@aluno.uece.br

ⁱⁱ **Keila Andrade Haiashida**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3700-9589>

Universidade Estadual do Ceará; Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central;
Curso de Pedagogia.

Pós Doutora em Educação (UFPB), Doutora em Geografia (UECE), Mestra em Educação (UFC),
Graduada em Pedagogia (UFC), Graduanda em Psicologia (UNINASSAU). Professora Adjunta da
FECLESC/UECE e Professora Permanente do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras.

Contribuição de autoria: Revisão crítica e complementação do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9277210932077497>

E-mail: keila.haiashida@uece.br

Editora responsável: Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 7 de setembro de 2024.

Aceito em 25 de setembro de 2024.

Publicado em 18 de outubro de 2024.

Como citar este artigo (ABNT):

CHAVES, Caroline Martins; HAIASHIDA, Keila Andrade. Relato de experiência de uma residente: a literatura infantil para formação de leitores na escola pública em Quixadá/CE. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 5, n. 1, 2024.